

ESPAÇOS DA MEDIAÇÃO

IV Simpósio Internacional Digital Espaços da Mediação
Desenho como prática da memória

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
da Universidade de São Paulo

ORGANIZADORES

Edson Leite

Carmen Aranha

Rosa Iavelberg

Evandro Nicolau



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Museu de Arte Contemporânea
MAC USP
São Paulo
2021

São Paulo

2021 (Permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada fonte e autoria.
Proibido qualquer uso para fins comerciais sem autorização expressa dos autores.)

© 2021 – Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

Av. Pedro Álvares Cabral, 1301 - Ibirapuera - CEP 04094-050 - São Paulo/SP

tel.: 11 2648 0984 - email: mac@usp.br - www.mac.usp.br



Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Lourival Gomes Machado
do Museu de Arte Contemporânea da USP

Simpósio Internacional Espaços da Mediação (4., 2021, São Paulo).

Espaços da mediação : desenho como prática da memória / organização Edson Leite, Carmen S. G. Aranha, Rosa Iavelberg, Evandro Nicolau. São Paulo : Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2021. 362 p.; il.

ISBN 978-65-87871-01-1

DOI 10.11606/9786587871028

1. Arte-educação. 2. Desenho. 3. Memória. 4. História da Arte. 5. Estética (Arte). I. Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Estética e História da Arte. II. Leite, Edson. III. Aranha, Carmen S. G.. IV. Iavelberg, Rosa. V. Nicolau, Evandro.

CDD – 700.7

Esta publicação é resultado do IV Simpósio Internacional Digital Espaços da Mediação - Desenho como prática da memória, realizado de 23 a 25 de agosto de 2021 e transmitido pelo Canal Youtube do MAC USP.

Ficha do catálogo

Autores: Edson Leite; Carmen Aranha; Rosa Iavelberg; Evandro Nicolau

Obra Capa: Leonilson, 1957 Fortaleza - 1993 São Paulo [A lua é dos namorados]

data C. 1981 • nanquim, tinta de caneta permanente e tinta metálica sobre papel colorido • foto © Romulo Fialdini / Projeto Leonilson

Revisão dos textos em português: André Henriques Fernandes Oliveira

Projeto Gráfico Padrão: Elaine Maziero

Desenvolvimento do Projeto Gráfico: Denise Ikuno

Realização:



Apoio:



Grupo de Pesquisa Arte na Educação,
na Formação de Professores
e no Currículo Escolar | CNPq

Grupo de Pesquisa
Cultura e Arte no Lazer
e Turismo | CNPq

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Edson Leite, Carmen Aranha, Rosa Iavelberg e Evandro Nicolau 9

Educational Activities in the Polisario Refugee Camps - A Creative Empowerment Approach

Rolf Laven 11

Desenhos e Narrativa de Crianças na Pandemia

Rosa Iavelberg e Leandro Oliva Costa Penha 23

E-Arteeducação no MAC USP: visitas em ambiente digital na pandemia da covid-19

Evandro Nicolau 43

Ações Educativas do MAC USP durante a pandemia da Covid 19: desafios e reflexões

Andrea Amaral Biella e Aline Castelaní Kanay 62

Olhar, experienciar e educar: história, pandemia e urgências desveladas pela arte urbana

Carolina Rezende e Edson Leite 78

Arte e fé nas Procissões de Trasladação da Imagem de Nossa Senhora da Penha, em São Paulo, em momentos de calamidades e epidemias

Maria Cristina Caponero 85

Por um inconsciente gráfico: sobre algum lugar entre desenho e memória

Fernando Chuí de Menezes 95

Lembranças de um passado vivido coletivamente

Moema Rebouças e Adriana Della Valentina 106

Acervo de Arte da UFES: produção de sentido de si Adriana Magro	122
Catálogos de exposições de arte: diferentes propostas e finalidades Renata Sant'Anna de Godoy Pereira	139
Breve reflexão sobre o curso - Ver, dialogar, experimentar arte: imersão no MAC USP Maria Angela Francoio	153
O ensino de arte no chão da escola: desafios frente às reformas educacionais Pedro Bernardes Neto	171
Públicos dos públicos: flagrantes da recepção em narrativas gráficas Diogo de Moraes Silva	180
Reflexões sobre arte, educação e identidade cultural Antonio Cavalcante Santos	192
Arte e educação no ambiente virtual Christiane Wagner	199
Memorial do desenho: imagem quase-presença Carmen Aranha	213
Vernáculo Vitor Mizael	229
Desenho Rodrigo Munhoz	245
Gestos em tensão: memória do corpo em desenho José Carlos Suci Júnior	249
Desenho de dentro para fora Constança de Lucas	255
Desenho por todos os lados Emerson Persona	263
Imagem dialética no retrato invertido cubista ou fantoche pinup cross-media de Mark Napier, 2009 Telma Azevedo	271

Desenho coletivo como intervenção, experimentação e crítica da arquitetura e do urbanismo Ana Feitosa; Kayo Gabriel Sousa; Shelda Gomes	283
Ilustração de moda como retrato da modernidade Astrid Sampaio Façanha e Josenilde S. Souza	294
Tarsila sobre papel Nerian Teixeira de Macedo de Lima	301
Mira Schendel e a significação judaica em suas obras Olivio Guedes	312
As Sombras de Krajcberg: desenhos da natureza Luciana Perrotti e Edson Leite	318
Izabel Mendes da Cunha: um capítulo da história da cerâmica artística contemporânea brasileira Jonathan Gurgel de Lima	323
Octávio Araújo: da imitação à criatividade Luciana Allegretti	334
Trajetória artística de Antonio Benetazzo: memória, educação e arte Vera Lucia Souza e Carmen Aranha	345
O Narcisismo na Obra Folly de Valeska Soares em Inhotim Rosana Dalla Piazza e Aríton Omar Simis	356

Em 2011, realizamos a primeira edição do Simpósio Internacional *Espaços da mediação*, com o tema *Estratégias de Ensino da Arte Contemporânea em Museus e Instituições Culturais*. Na ocasião, o debate sobre fundamentos e estratégias vigentes nas instituições culturais trouxe o interesse de educadores, artistas, pesquisadores e professores, no sentido de ampliar a discussão sobre educação e arte na sociedade brasileira. Assim, dentro do mesmo contexto, organizamos, em 2013, o II Simpósio Internacional *Espaços da mediação – a arte e seus públicos* sobre apoios teórico-práticos para o visitante de uma exposição de arte e, em 2016, o III Simpósio Internacional *Espaços da mediação – A arte e suas histórias na educação*, em que situou conteúdos de educação e arte-educação e experiências do ensino da arte, abarcando inovações no âmbito das propostas pedagógicas atuais.

No ano de 2021, o Museu de Arte Contemporânea (MAC USP) realizou o IV Simpósio *Espaços de Mediação – Desenho como prática da memória*. Nesta edição, o evento teve o apoio do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte (PGEHA USP), do Grupo de Pesquisa *Arte na Educação, na Formação de Professores e no Currículo Escolar*, do Grupo de Pesquisa *Cultura e Arte no Lazer e Turismo*, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O IV Simpósio *Espaços de Mediação – Desenho como prática da memória*, que aconteceu nos dias 23 a 25 de agosto de 2021 no MAC USP, trouxe para o centro do evento o viés da práxis artística, principalmente no campo do desenho e das pesquisas que refletem sobre a educação e a arte durante a pandemia, o desenho como linguagem contemporânea e a mediação das histórias da arte. O conjunto de mesas e palestras do evento procurou situar a linguagem do desenho como centro irradiador do pensar a educação contemporânea em arte dialogando, inclusive, com a história e o mundo de hoje, em que a informação e a interatividade passam a compor nossa compreensão.

Como resultado do IV Simpósio, editamos a presente publicação procurando reunir a produção de profissionais de museus, artistas, pesquisadores, educadores e arte-educadores em três eixos que nortearam as discussões das palestras e mesas: *Educação e arte na pandemia*, *Desenho como linguagem contemporânea* e *Mediação das histórias da arte*. Rolf Laven, da Universidade de Viena, Moema Rebouças, Adriana Della Valentina e Adriana Magro, da Universidade Federal do Espírito Santo, UFES. Rosa Iavelberg, Leandro de Oliveira Costa Penha e Fernando Chuí de Menezes, da Faculdade de Educação da USP. Carmen Aranha, do MAC USP e os artistas Vitor Mizael, Rodrigo Munhoz, e Júnior Suci são alguns dos palestrantes que apresentam seus artigos no presente livro. Além dos professores e pesquisadores citados, os educadores do MAC USP: Andrea Biella, Evandro Nicolau, Maria Ângela Francoio e Renata Sant'Anna, apresentaram as pesquisas que desenvolvem no Museu. Dezoito pesquisadores, mestres, doutores, mestrandos e doutorandos de diversos programas de pós-graduação de todo o Brasil foram também selecionados para a presente publicação.

Acreditamos que as palestras e mesas-redondas, assim como os textos registrados neste livro, possam constituir uma significativa contribuição para o enriquecimento do debate sobre a arte e a educação.

São Paulo, 25 de agosto de 2021

Edson Leite
Carmen Aranha
Rosa Iavelberg
Evandro Nicolau

E-ARTEDUCAÇÃO NO MAC USP: visitas em ambiente digital na pandemia da covid-19

Evandro Nicolau¹

Nayra Carvalho Moraes²; Gabriel Mattos³; Matheus de Oliveira Santos⁴;

Juliana Bispo⁵; Nicolle Clara Firmino⁶.

Introdução

Esta reflexão se inicia partindo da compreensão de que realizar uma visita ao museu em um ambiente digital não é a mesma coisa que participar de uma visita física. Afinal, o visitante está distante da obra de arte e distante dos corpos físicos que compõem um grupo e um mediador artístico. Ambivalentemente, é neste ambiente distante – o digital –, onde é possível estar próximo e íntimo diante de uma tela, que vamos relatar e pensar o potencial de amplificação da educação na era da digitalidade.

A pandemia da Covid-19 provocou a urgência e a emergência de novos comportamentos, nas quais a virtualidade e digitalidade tornaram-se impossíveis de serem ignoradas e, necessariamente, tiveram que se estabelecer como forma de comunicação para a manutenção das atividades educativas e culturais. Neste sentido, é justamente da perspectiva e da compreensão de que um ambiente digital não é a mesma situação de presença em um ambiente físico, que se estabelece a proposição da criação e da experiência de visitar um museu, educativamente, de forma virtual. O que queremos dizer, enquanto linguagem didática ou mesmo como consciência dessa diferença, é que se situam e se estabelecem investigações no espaço das conexões em rede, online e em tempo real. Não se trata, portanto, nas experiências de estudo, planejamento e efetiva realização de visitas em ambiente digital, da transposição da visita “real” para a visita “virtual”, mas sim da plena expectativa de exploração das possibilidades oferecidas para a transmissão de conhecimento, via utilização das ferramentas tecnológicas de comunicação.

1 Doutor em Estética e História da Arte, Educador MAC USP. onicolau@usp.br

2 Filosofia FFLCH USP (7º período) nayra@usp.br

3 Filosofia FFLCH USP (5º período) gmattosr@usp.br

4 História FFLCH USP (7º período) matheus.oliveira.santos@usp.br

5 Artes Visuais ECA USP (6º ano) juliana.bispo.santos@usp.br

6 Artes Visuais ECA USP (2º ano) nicolleclaraf@usp.br

A partir do fechamento da visitação pública do MAC USP, foi necessário estabelecer imediatamente novas maneiras de proporcionar um encontro e um convívio com a obra de arte. Este lugar, a partir das redes sociais e das ferramentas de streaming, passou a fazer parte do universo da cultura contemporânea e da cibercultura e corpo social passou a veicular e se comunicar na rede mundial de computadores. Foi neste momento em que a ideia de utilizar novos mecanismos e lançar mão de possibilidades de transmissão de conteúdo via ferramentas de reuniões, em especial do *Google Meet*, surgiu como possibilidade de experiência e manutenção de ações educativas no MAC USP.

Atendimento de Grupos em Visita ao MAC USP Ambiente Digital

O programa educativo do MAC “Atendimento de Grupos em Visitas ao MAC USP”, que conta com estudantes bolsistas da universidade para o trabalho de recepção de grupos gerais visitantes do museu, foi a instância usada para estas ações.

O referido programa, atualmente, é de responsabilidade do Prof. Dr. Edson Leite, chefe da Divisão de Difusão Cultural do MAC USP, e conduzido há 17 anos por Evandro Nicolau, Educador MAC USP. Esse programa educativo existe desde 2004, tendo já “navegado” pelas várias modalidades de bolsas e estágios oferecidos pela universidade aos estudantes, contando com cerca de 70 bolsistas/estagiários ao longo de sua existência. Hoje, oferece bolsas que são ligadas ao Programa Unificado de Bolsas, administradas pela Superintendência de Assistência Social da Universidade de São Paulo (SAS-USP).

Durante os anos de 2020 e de 2021, o programa teve 5 bolsas e, neste artigo, relataremos a experiência que teve participação de bolsistas que participaram do programa entre 01 de setembro de 2020 e 31 de agosto de 2021. Anexo ao artigo, seguirão os depoimentos desses estudantes sobre o momento pandêmico, em que livremente articulam suas experiências na Universidade em relação ao estágio no MAC USP.

Em março de 2020, as atividades presenciais da USP foram suspensas e imediatamente migraram para encontros, reuniões e outras formas de interação digital. Foi a partir dessa nova situação que iniciamos uma série de encontros, em que o grupo de estudantes e a coordenação do estágio estudou e visou produzir adaptações, pensando em novas maneiras de comunicar as obras do MAC no meio digital.

A primeira estratégia foi analisar as imagens que o museu já disponibiliza na internet: o Acervo Online do MAC possui obras digitalizadas, textos e críticas em publicações oficiais da instituição. Também foi consultado trabalhos e publicações dos livros da coleção MAC Essencial, disponibilizados pelo Portal de Livros Abertos da USP.

A partir desses estudos, iniciamos a simulação de visitas educativas que foram feitas internamente entre os membros do grupo de bolsistas. A primeira experiência efetiva veio a acontecer em setembro de 2020, na Feira da USP e suas profissões, que foi um evento transmitido online pelo *YouTube* e teve interações com o público visitante via chat.

Essa primeira visita, realizada por Evandro Nicolau, apresentou a exposição *Visões da Arte* no MAC USP. Em uma primeira avaliação, ficou evidente que no conteúdo da visita poderia haver um recorte mais sucinto de obras e uma possibilidade maior de interação com os participantes virtuais, que se comunicavam com o educador pelo *chat*.

Por outro lado, uma primeira questão positiva que se apresentou foi que o volume de participação e sua forma efetiva de estabelecer um diálogo à distância com estudantes, professores e o mediador da visita, de fato, apresentou uma outra possibilidade de interação e de amplificação do acesso público ao acervo e ao patrimônio da Universidade, bem como de suas pesquisas e conhecimento.

Após um longo e grande planejamento e de aprovação na Comissão de Cultura e Extensão do MAC, implementamos uma série de visitas em ambiente digital de maio a junho de 2021⁷. Essa experiência trouxe alguns resultados relevantes, do ponto de vista qualitativo e quantitativo, que apontam para possíveis possibilidades de presente e futuro, em repensar as formas de difundir educativamente a arte.

Os programas usados, sempre da plataforma *Google*, foram: *Google Meet*, *Google Maps*, *Google Earth* e *Jamboard*. A ideia de desenho espacial, geográfico e digital já se faz presente ao usar o *Google Maps* e o *Google Earth*. Além disso, e a fim de criar um clima prévio para a visitação, a visita se inicia com música instrumental eletrônica e *open source*.

A partir da *pinagem* do endereço da escola em relação a rota para a visita ao MAC, é gerado um caminho, – um traço – que simboliza uma viagem pela representação do espaço, saindo da cidade onde está

7 Ana Lucia Siqueira, secretária do Educativo MAC USP, foi responsável por realizar todos os agendamentos, acompanhamentos e gravações das visitas.

situada a escola e seguindo virtualmente na linha gerada pelo aplicativo e, finalmente, chegando ao Museu de Arte Contemporânea. Um avatar do *Google Maps* aterrissa na passarela Ciccillo Matarazzo, que liga museu e Parque do Ibirapuera, e então a visitação ao museu se inicia.

O desdobramento então se dá partindo de reflexões sobre as palavras Museu, Arte e Contemporâneo, que são apresentadas ao visitante em uma lousa virtual interativa, *JamBoard*, na qual os participantes da reunião podem desenhar, escrever e interferir durante a visita. Todas as obras visitadas estão disponíveis em imagens digitais no Acervo Online no site do MAC USP e são preparadas em arquivos PDF, PPT, ou em *links* do *YouTube*, dependendo da exposição visitada. Além disso, o Acervo Online e a coleção MAC Essencial também contam com folders de exposições e até mesmo imagens da galeria de exposição.

A existência dessas informações digitais facilita – ou mesmo, *tornam possível* – que se organize digitalmente a visita, bem como possibilitam o acesso do visitante às obras e às exposições. É nesses aspectos que entendemos que as ações digitais de educação possuem ainda um horizonte a ser explorado.

Tecnodiversidade e Conhecimento

A pandemia da Covid-19 gerou uma crise enorme na cultura, na educação e até mesmo na saúde mental da sociedade. Ainda não foram mensurados inteiramente os aspectos, as ocorrências e as consequências futuras desse momento que, apesar da vacinação, ainda não cessou por completo. A pandemia da Covid-19 trouxe medo, crises e situações de incerteza muito grandes. Partindo do pressuposto de que a arte é uma possível forma de profilaxia para a saúde mental, realizar essas ações têm, além de manter as atividades educacionais acontecendo, o potencial de contribuir em vários aspectos, com as escolas e as instituições de educação e o próprio público mais amplo do museu.

Como dimensão subjetiva, o texto “Diante de Gaia, oito conferências sobre a natureza no Antropoceno”, de Bruno Latour, comunica-nos que as crises e os problemas humanos, no campo político e ambiental, já vêm sendo anunciados há algum tempo. O trabalho é resultado de conferências e pesquisas realizadas durante a primeira década do século XXI, e o texto de Latour tem uma passagem que parece ter sido

escrita no momento da pandemia da Covid-19. A seguinte reflexão sobre a ecologia e o adoecimento aparece dessa maneira:

Sem dúvida a ecologia nos enlouquece; e é daí que precisamos partir. Não com a ideia de se tratar, mas para aprender a sobreviver sem se deixar levar pela denegação, pela *híbris*, pela depressão, pela esperança de uma solução razoável ou pela fuga para o deserto. Não existe cura para o pertencimento ao mundo. Mas, pelo cuidado, é possível se curar da crença de que não se pertence ao mundo; que essa não é a questão essencial; que o que ocorre com o mundo não nos diz respeito. O tempo em que podíamos esperar “sair disso” não existe mais. De fato, estamos, como se diz, “em um túnel”, só que “não veremos seu fim”. Nesses assuntos, a esperança é má conselheira, já que não estamos em uma crise. Isso não vai “passar”. Será preciso lidar com isso. É definitivo. (LATOUR, 2020, p. 31)

Ao compreender que a crise se instala de forma inexorável e que o que temos que fazer seria lidar com a questão, torná-la experiência de viver, Latour pensa principalmente sobre as relações entre Natureza e Cultura, isto é, nas possibilidades e transformações no modo de existir e agir humano. Assim, em termos de cura, é possível conjecturar que:

Consequentemente, seria preciso descobrir um *percurso de cuidados* – mas sem pretender uma cura muito rápida. Nesse sentido, não seria impossível progredir, porém seria um progresso ao contrário, que consistiria em repensar a ideia de progresso, em *retrogradir*, em descobrir outra maneira de sentir a passagem do tempo. Em vez de falar de esperança, teríamos de explorar um modo bastante sutil de “*desesperar*”; o que não significa “se desesperar”, e sim não confiar apenas na esperança como engrenagem sobre o tempo que passa. (LATOUR, 2020, p. 31-32)

Latour nos fala de uma possível esperança que se reflete no tempo, em uma revisão do progresso e das formas materiais, de produzir o espaço que tentaria imaginar uma cura. Cura esta que se daria em uma complexidade, em um mundo que provavelmente não alcança uma solução definitiva para todos os seus “males”. Para isso, traz a proposição do “viver bem”, de conviver com os males, indo no cerne dessa “loucura”, que viria de nossas relações com o mundo. Uma de suas proposições é que:

Se nos falta a esperança da cura definitiva, podemos ao menos apostar no menor dos males. Afinal, não deixa de ser uma forma de cuidado: viver bem com seus males”, ou apenas “viver bem”. Se a ecologia nos enlouquece, é porque na verdade ela é uma alteração *da alteração* das relações com o mundo. Nesse sentido, é ao mesmo tempo uma nova loucura e um novo modo de lutar contra as loucuras precedentes! Não existe outra solução para o problema do cuidado sem a espera da cura: é preciso chegar no fundo da situação de desamparo, na qual todos nós nos encontramos, quaisquer sejam as nuances que nossas angústias possam ter. (LATOUR, 2020, p. 32)

Provavelmente, a crise sanitária da Covid 19, somada à crise ambiental e política, deve ser o fundo do poço da situação de desamparo que o autor nos assiste. Esse mesmo contexto, trazido para o campo da arte, descreve várias situações que se estabelecem, em especial como uma crise no sistema, nas formas de sobrevivência dos artistas e dos bens culturais.

Diante da doença, reações de busca por imunidade e estratégias de resistência e de sobrevivência vêm sendo desenvolvidas e exploradas também pela educação e as artes. Especialmente o universo simbólico, tal como a Floresta de Signos, de Valéry (BENJAMIN, 1992, p 76^a), surgem, como um salto na criação de circuitos, trocas de conhecimento, organização e amplificação da arte e do trabalho de artistas.

Definitivamente, não há soluções ou um lado positivo que repercuta na educação e na arte em meio à crise. É possível, porém, trazermos à luz alguma possibilidade de transformação positiva – o início de uma elipse, um movimento diverso nas formas de sentir e lidar com o tempo e o espaço –, e que a arte tem o potencial de desenvolver um futuro a ser imaginado.

Neste artigo, não iremos adentrar questões ecológicas ou políticas, mas vamos nos deter no campo das dificuldades educativas impostas pela crise sanitária. Como referência atual sobre o momento pandêmico e o uso das tecnologias, utilizamos o filósofo chinês Huk Hui como referência. Suas abordagens podem nutrir novas pesquisas e experimentos para esse lançar-se na criação de ambientes digitais que se apresentem como desdobramentos museais, educativos e

8 “Tal como a água, o gás e a energia eléctrica, vindos longe através de um gesto quase imperceptível, chegam a no sãs casas para nos servir, assim também teremos ao nosso dispor imagens ou sucessões de sons que surgem por um pequeno gesto, quase um sinal, para depois, do mesmo modo nos abandonarem”.

artísticos. Grosso modo, Hui propõe, em estudos transdisciplinares, uma percepção de mundo, na qual estaríamos vivenciando no presente um tempo de uma “virada ontológica” configurada como uma “Cosmopolítica”. Em sua argumentação, há um campo de possibilidades que trariam aberturas para Tecnodiversidade, numa cosmovisão, onde a tecnologia, a arte, o ambiente e a política social ganham uma estrutura de circulação e de linguagem, que estão se constituindo como plataformas. Plataformas que se diferem do mundo físico, material, repercutindo, ou tendo a potência para repercutir, no plano simbólico, assim se amplificando em uma dimensão de cultura digital, com impacto material. No capítulo “Variedades da Experiência da Arte”, do livro “Tecnodiversidade”, Hui aponta que, diante de dilemas novos do mundo atual, na arte, em seu território, que também possui técnicas, modalidades, meios e ciência, existe uma necessária caminhada para uma superação de sua definição em termos Europeus. Sua proposição traz a hipótese de que o presente se situa como o entardecer de uma globalização unilateral, capitaneada pelos EUA e Europa. Argumenta, a partir de uma revisão que mistura filosofia ocidental com o pensamento Toísta Chinês, ao propor um diálogo, com formas diversas de cultura, em favor de um conceito de Cosmotécnica, que se desdobra como um debate acerca do advento definido como Tecnodiversidade.

O autor propõe uma exploração da subversão de técnicas, de sentidos e de estatutos da arte, que seriam, hoje, localizados como elaborações de um agir ainda da arte moderna, ou seja, de um tempo passado e colonial.

Dentre os desafios da arte contemporânea, há, por exemplo, a dimensão da perda, ou alteração dos espaços, arquitetônicos e monumentais, em que se avolumam visitantes, trazendo para a superfície a necessidade do uso de tecnologias para a veiculação da arte. Para Hui:

A diversificação de tecnologias também traz implícita uma diversificação de modos de vida, de formas de coexistência. de economias, e assim por diante, já que a tecnologia, sendo cosmotécnica, engloba diferentes relações com não humanos e o cosmos em geral. (YUK HUI, 2020, p. 209.)

Buscando pensar sobre a crise do Covid 19, Hui diz:

O coronavírus não é uma vingança da natureza, mas o resultado de uma cultura monotecnológica em que a tecnologia em si mesma perde suas origens e passa a querer dar origem a todo o resto. (YUK HUI, 2020, p. 210)

Seu pensamento vai na direção de uma proposta de contribuição na busca pela imunidade, que poderia se estabelecer como uma solidariedade concreta, que se estende para além das fronteiras dos Estados-Nação. Isso implicaria em uma solidariedade humana, que poderia ser desenvolvida via novos sistemas e democratização da comunicação e da produção simbólica, em que a arte tem papel fundamental, na construção de diversidade e nas colaborações em rede. Hui argumenta que:

Para que uma solidariedade concreta desse tipo possa surgir, precisamos de uma tecnodiversidade que desenvolva alternativas tecnológicas, como novas redes sociais, ferramentas colaborativas e infraestruturas de instituições digitais capazes de formar a base para a colaboração global. (YUK HUI, 2020, p. 210)

O autor também analisa o sistema universitário e acadêmico, ao tratar das necessidades de exploração da educação à distância, configuradas pela pandemia. Hui procura observar as mudanças e as soluções que foram utilizadas para manter a vida “acontecendo”. Também observa as transformações decorridas desse processo, que podem potencializar e amplificar o acesso ao conhecimento. Nesse sentido, a arte foi um campo que explorou amplamente espaços cibernéticos e desenvolveu linguagens, estratégias, conexões e criatividade no uso da ubiquidade digital. Nessa análise, Yuk Hui, observa o seguinte:

A educação a distância não substituirá a presença física, mas certamente ampliará de modo radical o acesso ao conhecimento – e também nos traz de volta a questão da educação em uma época em que muitas universidades estão perdendo financiamento. A suspensão da vida normal não permitirá a mudança desses hábitos? Poderemos tomar os próximos meses (e talvez) anos, por exemplo, nos quais a maior parte das universidades do mundo dará aulas virtuais, como uma oportunidade de criar instituições digitais sérias e em escala sem precedentes? (YUK HUI, 2020, p. 211)

E, pensando do ponto de vista da busca pela vacina, ou pelas curas e tratamentos possíveis, em que quase toda a totalidade população mundial é atingida, de várias maneiras, arremata sua reflexão afirmando que “uma imunologia global exige reconfigurações radicais desse tipo.”

De alguma forma, o distanciamento físico não se tornou distanciamento social. Há, talvez, um equívoco nisso, pois houve a construção de intimidade digital, de aproximação e acréscimo de “amizades” e laços digitais. Podemos dizer que estamos vivenciando uma certa intimidade global, um mesmo adoecimento, ligados, compartilhando coletivamente um fardo ou estado de vulnerabilidade, sob as circunstâncias da pandemia.

Como alguma conclusão, absolutamente inconclusa, porque a ansiedade, a angústia, o medo de uma volta, de um retorno a um “novo normal” impossível, fazem-nos, nesse tempo curto, não ter exatamente resultados a apresentar. O que se quer aqui é abrir mais uma fresta para pensar a vida e a saúde para o futuro. Atravessados estamos pelos acontecimentos políticos, sociais e sanitários atuais, diante das incertezas que compõem este cenário, este artigo apenas relata um pequeníssimo instante de experiência de reflexão com vistas a sondagens de possibilidades da arte e da educação. Neste contexto, de ódio social latente, polarizações políticas e hiperexposição ao digital, numa certa ausência de imaginação, agregado a uma doença que provoca afastamento e medo, sentimo-nos aprisionados e com dificuldade de caminhar adiante.

Assim, a arte, o museu, o educativo, atentos à expressão possível dos interlocutores, podem assumir configurações e propostas de construção de uma linguagem que traga um avanço nas abordagens e metodologias de educação. De fato, se ampliarmos a dimensão do sentido e das formas de manifestação, entrando no meio digital de modo diverso e cientes de seus horizontes amplos de possibilidades, podemos pensar em estratégias de educacionais que contribuam e construam, a imaginação e a atuação humanas.

Perguntas motivadoras para reflexão dos Bolsistas Estagiários do Programa Atendimento de Grupos em Visita ao MAC USP:

1. Há alguma parte, ou percepção sua, de que a Pandemia da Covid 19, enquanto sua experiência de estudante (considerando o estágio MAC como experiência), que possibilitou algo construtivo em seu desenvolvimento intelectual?

Nayra Carvalho Moraes

A demanda por um *cyberespaço* do MAC USP não vem de hoje. Ainda no presencial, discutíamos – mesmo que superficialmente – sobre a criação de um ambiente virtual rico, educativo e acessível. Mas esses planos, é claro, foram implantados oficialmente apenas com a urgência que a pandemia nos trouxe. Certamente não era neste momento que gostaríamos de tê-lo feito, mas o caráter forçoso do trabalho à distância fez-nos ver, com ainda mais clareza, a necessidade deste espaço virtual. As lacunas deixadas pelo presencial, ainda que não totalmente suprimidas, foram ricamente trabalhadas. Para o sucesso disto, foi demandado de nós (educadores, coordenador e secretária) uma proximidade muito maior do que aquela que havia sido estabelecida anteriormente. E, como consequência direta, foi necessário que aprendêssemos a nos comunicar com muito mais eficiência; além disso, também notei que nós nos dispomos a ajudar uns aos outros com muito mais intento que outrora.

À parte isso, é inegável a contribuição do estágio MAC como agente contribuidor da perspectiva de uma carreira acadêmica e profissional. Como alguém que quer seguir carreira acadêmica, essa experiência mostrou-me que: 1) é imprescindível que continuemos pensando (e agindo) em maneiras eficazes de trabalhar e pesquisar – remota ou presencialmente; 2) não existe maneira melhor de se comunicar com quem não está dentro da academia do que *retirar-se do papel de agente do conhecimento*; 3) existem *potências capazes de atingir uma gama muito maior de públicos distintos*, e a internet é, atualmente, o pivô disso, Q.E.D.

Gabriel Mattos

Ainda que, concretamente, a pandemia se apresente como um episódio de irreparável desastre – sobretudo graças à forma com a qual as instituições em geral a ela reagiram, sob um prisma neoliberal e reacionário matador –, vejo como ela coloca em perspectiva certas lacunas cujo preenchimento é fundamental para o nosso desenvolvimento enquanto sociedade, enquanto cidadãos e enquanto pesquisadores/educadores. O conhecimento e a técnica, até certo ponto, têm suas rédeas afrouxadas – eles não se realizam em espaço físico, já que os espaços físicos ainda são potencialmente letais – e cria-se essa dimensão do *cyberespaço institucionalizado*, da *distância produtiva*. No fim do dia, o interesse do capital se limita a manter essa “produtividade”: seu interesse nas ferramentas e plataformas não almeja ir além do mínimo esforço necessário para sustentar tal utilidade produtiva – postura essa plenamente compartilhada inclusive pela nossa Universidade, que tende a tratar as ferramentas, técnicas e plataformas como mero suplemento accidental utilitário. Por isso, a prática dessas novas *institucionalizações do cyberespaço* corre o risco de ser estéril e o saldo geral de todos é que a qualidade de toda experiência de aprendizado e fruição decaiu ao abismo. Mas essa experiência negativa advém da resposta padrão, e não das técnicas, dos saberes e das plataformas *em si*. A plataforma carrega em germe a possibilidade da expansão e da difusão em massa dos saberes, da técnica, do conhecimento; possibilita a ação criativa e a criação ativa e a interconexão dos polos mais distantes. A experiência com o estágio MAC nessas condições possibilitou a colocação dessa perspectiva – que nos últimos meses temos fundamentado com a práxis – de que as plataformas e os recursos empregados pelo grupo de pesquisa e atendimento do educativo devem ter sua plena potencialidade explorada por seus valores únicos enquanto criadores de uma experiência de arte e cultura que não se limite à paliativo frente à impossibilidade temporária do físico. É uma fruição em si, em seus próprios termos, que se torna frutífera quando utilizada e compreendida assim.

Matheus de Oliveira Santos

Nos tempos que precederam a pandemia, já existiam discussões e uma certa demanda em torno da concepção e construção de espaços virtuais (ou “extrafísicos”) que suportassem discussões em arte e cultura de maneira acessível e organizada, a fim de (1) abarcar as novas produções e novos suportes de arte, (2) diminuir fronteiras e distâncias entre artistas, instituições e desses com o público, além da busca por parte de determinados setores do mercado pela (3) criação de novas formas de se obter lucro a partir desses novos espaços a serem desenvolvidos. Com o advento da pandemia de COVID-19 no início de 2020 e a subsequente percepção de que o período com restrições sanitárias seriam duradouros o bastante para mudar nossas percepções da realidade e nossos hábitos de consumo em arte, lazer e entretenimento essas reflexões, em muitos espaços ainda bem incipientes, foram impulsionadas obrigatoriamente e todos aqueles em contato com o fazer artístico – instituições, educadores, artistas, público e trabalhadores da cultura em geral – precisaram se adaptar a força, modificando seu *modus operandi* no trabalho, adquirindo ferramentas que facilitassem essa transição e direcionando ainda mais energia para estabelecer comunicação via espaços virtuais, quase que exclusivamente. Para algumas instituições e indivíduos, essa transição ocorreu de maneira mais ágil e bem sucedida, mas no caso daqueles mais vulneráveis e das instituições dependentes do Estado, cada vez mais guiado pelas diretrizes neoliberais (com pano de fundo irremediavelmente neofascista, como salientado por Aimé Césaire em seu Discurso Sobre o Colonialismo), essa transição ocorreu de maneira extenuante, capenga e deficitária de recursos e ferramentas que garantissem acessibilidade, diálogo e fomento à criatividade coletiva e individual. Em minha experiência como educador do MAC USP e agente cultural autônomo, pude notar a saturação de alguns ambientes virtuais pouco – ou nada – preparados para as discussões e construções coletivas em arte e educação, como redes sociais, plataformas de chamada em vídeo como *Google Meet* e *Zoom*. Tal saturação pôde ser driblada em muitos momentos pelo afino e pela boa vontade dos educadores, dispostos a seguir trabalhando e construindo conexões entre arte e indivíduos, mas esse processo de superação tem sido mais difícil quando há a necessidade de gerar reflexões e diálogos junto ao público mais jovem do Museu,

provavelmente porque nossas juventudes foram abandonadas pelo Estado e pelas instituições durante a pandemia, prejudicando sua apreensão e impossibilitando sua dedicação aos estudos e à busca pela cultura e pela arte em ambientes tão desérticos e pouco fertilizados, um movimento consciente de gestores das instituições e do Estado, que tem como frutos podres visíveis para qualquer um números como os da evasão escolar e da baixa adesão dos jovens à programas culturais (sobretudo das periferias da capital e regiões empobrecidas do estado). O saldo positivo de todo esse contexto se encontra na já conhecida criatividade e afimco dos profissionais libertários da cultura e da educação, que mesmo em meio ao revés não se dão por derrotados nesse campo minado e estão criando maneiras de construir pontes acessíveis entre as pessoas e a cultura. E, estando dentre esse grupo, pude compreender ainda mais junto a equipe educativa do MAC sobre construção coletiva, adaptação de ferramentas e estabelecimento de ambientes seguros para a troca entre público e educadores. Muitos dos aprendizados obtidos nesse contexto com certeza serão utilizados de maneira inteligente pela equipe e individualmente por seus integrantes, em um contexto pós pandemia, para definir as diretrizes de espaços virtuais produtivos e libertários, ricos em criatividade e diálogo, seguros para todos os entes fundamentais para a existência de uma instituição como o MAC: público, educadores, estudantes, pesquisadores e artistas.

Juliana Bispo dos Santos

Não diria que a pandemia tenha possibilitado algo positivo para o meu desenvolvimento intelectual. Na verdade, considero que a condição da pandemia e as consequências das péssimas administrações da política de morte neoliberal dos governos federal e estadual tenham prejudicado não apenas a mim, como a grande maioria dos estudantes e trabalhadores nesse período. E afirmo isso não no sentido de menosprezar as experiências ricas e importantíssimas que tivemos no MAC durante a pandemia, mas para reforçar que se elas puderam florescer foi devido ao trabalho incansável do coordenador Evandro, da secretária Ana Lúcia e cada um dos bolsistas deste projeto. Diante da nova realidade imposta, o compromisso e a vontade de dar continuidade ao projeto e manter o diálogo e o acesso à arte vivo foi o que possibilitou algo construtivo no meu desenvolvimento intelectual e na minha prática

como artista educadora e, principalmente, algo de construtivo para a manutenção e crescimento de um projeto educativo de um dos maiores museus públicos do Brasil.

Por meio de muito diálogo coletivo sobre como construir um espaço de visitas virtuais, como falar de arte e interagir remotamente para proporcionar o contato e a reflexão com arte, conseguimos elaborar uma metodologia e colocar em prática as novas experiências. Fazer “visitas” no espaço digital significa não apenas aprender a utilizar novos *softwares*, mas principalmente aprender na prática como adaptar conhecimentos, diálogos e visões para que eles possam ser de fato significativos, tanto para o público quanto para os funcionários e bolsistas. Pensar em novos métodos sempre engrandece a nossa capacidade de ampliar o alcance e democratizar aquilo que já é de todos.

2. Sobre a sua experiência com a bolsa PUB Atendimento de Grupos em Visita ao MAC USP, especificamente se tratando do projeto de Vistas ao MAC em Ambiente Digital, você poderia escrever uma breve reflexão sobre sua percepção desses estudos e trabalhos durante este período Pandêmico (17/03/2020 até 07/07/2021)?

Nayra Carvalho Moraes

Os planejamentos e as visitas ocorridos no ambiente virtual do museu não foram meros simulacros da visita virtual. Ainda que no começo estivéssemos confusos sobre como proceder com este ambiente novo e, de certa forma, estigmatizado – pois o *cyberespaço* parece ter sido sempre encarado como um simulacro do “real”: um conglomerado de formas difusas e caóticas, vagando em amontoados de zeros e uns; encarado, enfim, como sendo *coisa genuinamente falsa* –, as visitas se sucederam melhor que o esperado. Não é surpresa, contudo, que a descoberta desse novo *cosmos* na educação artística fez surgir novos impasses. Como é possível visitarmos um museu sem estarmos, de fato, nele? Como é possível levarmos Tarsila do Amaral, por exemplo, para dentro da casa de alguém? Como despertar o interesse genuíno sobre uma obra estando tão distante dela?

Essas questões foram exploradas e discutidas em

praticamente todas nossas reuniões. E foram, finalmente, levadas a cabo nas nossas visitas virtuais. Nelas, pude perceber que, mais do que *levarmos* o museu para alguém, estamos *trazendo* pessoas para *dentro* do museu. A diferença é que não falamos da instituição como coisa *lá*, mas como coisa *aqui*, *real*, *presente*. O museu existe em sua forma física, mas também está *aqui*, em meio aos bits.

A visita é conduzida de maneira diferente, é claro, pois é necessário entender em qual estrutura estamos. Não gosto de dizer que precisamos “adequar” a visita, pois isso implicaria que existe uma visita “real” *lá*, no museu distante, inacessível. Prefiro dizer que estamos *descobrimos* maneiras de conduzir uma educação artística na virtualidade do MAC USP. Não é pior ou melhor, mas estrita e tão-somente *diferente*.

Gabriel Mattos

Os estudos e trabalhos realizados pelo projeto reconheceram rapidamente, ainda em 2020, qual era a situação de que se parte e onde seria possível chegar – uma experiência de arte e cultura que não é e nem se propõe a ser a mera reprodução de uma visita ao espaço físico do museu. A nossa ideia da visitação em plataforma digital, online, foi se compondo sob o norte de ser a transposição criativa não da visita, mas dessa experiência que o visitante buscaria num contato presencial, como antigamente. A transposição criativa de algo quase abstrato, essa tal *experiência*, pedia com rigor que fosse articulada em relação à plataforma na qual tomaria corpo – a plataforma é a imperatriz da linguagem. Assim, apareceu a urgência de dançar no compasso do *cyberespaço* que não segue as mesmas lógicas espaço-temporais que as do nosso mundo-corpo físico e material. Apesar dos desafios de formalizar, no ano de 2021, concretizaram-se as primeiras experiências desse laboratório artístico-educativo que há muito se ensaiavam no ano anterior. Essas primeiras experiências acontecem com as visitas em espaço virtual agendadas por escolas públicas das várias e mais distantes cidades do estado de São Paulo, em que colocamos o repertório das pesquisas em prática e, sobretudo, soltamo-nos dele quando em contato com o espontâneo que nasce das relações intersubjetivas mesmo nas condições mais duras – como uma flor que, à despeito da lógica zumbificada da racionalidade técnico-

científica, irrompe e emerge do concreto do chão de uma metrópole cinzenta. A percepção que tenho da recepção desse projeto pelos alunos e professores é que as relações mediadas pela tela no período pandêmico promoveram grandes desgastes, mas que se devem de um uso congelado, inerte e distante dos meios, e que a nossa oferta de experiência alternativa, arquitetada como afirmativa de si e construtiva, foi bem sucedida em nos colocar num ambiente mais inventivo, positivo e fértil, que não alimenta a tendência do adoecimento mental, mas, ao contrário, promove um ambiente de cura, de saúde, de possibilidades; e esse resultado, sendo um primeiro passo para posteriores novas ações, merece ser explorado em toda sua extensão em prol de um tal universo da cultura que vá além da retórica institucional.

Matheus de Oliveira Santos

Tem sido um desafio, de um modo geral, conseguir desenvolver reflexões profundas, sobretudo sobre arte, no contexto pandêmico em que vivemos, sobretudo quando as obras e produções sobre as quais nos debruçamos são parte de um acervo físico com pouco conteúdo digitalizado. Enquanto educativo, a equipe da Bolsa PUB Atendimento de Grupos em Visita ao MAC USP tem precisado se reinventar, refletindo sobre as necessidades e possibilidades de execução de propostas que provoquem o público a imergir em experiências intelectuais e estéticas de fato formativas e relevantes, mesmo em um contexto desfavorável. Digo desfavorável não só pelo fator distanciamento, ou pela pandemia em si, mas também pelo processo vigente de sucateamento da educação e corrosão das relações escolares, promovida por diversas instâncias da gestão pública. A equipe de educadores do MAC tem conseguido estabelecer conexões muito produtivas em ambientes de visita virtual, ora com menos, ora com mais visitantes dentro de um grupo, e, na grande maioria dos casos, esse êxito só foi possível por conta da dedicação e da insistência dos professores responsáveis pelas turmas agendadas, oriundas do ensino público em sua maioria. Esse foi o caso de duas visitas realizadas para grupos de uma escola estadual de São José dos Campos, em que contamos com o entusiasmo e a participação ativa das professoras e dos alunos presentes na visita alocados na escola, mas também de outros alunos convidados a participar da visita a partir de suas casas.

O MAC USP precisa avançar muito na pesquisa e na dedicação de recursos para podermos criar experiências ainda mais produtivas para alunos e visitantes em geral, levando em conta, sobretudo, o papel de um museu universitário para a sociedade em que está inserido, procurando servir não só a determinadas camadas sociais ou de setores específicos da arte e da cultura, mas a todos os estratos da sociedade interessados, sobretudo crianças, adolescentes e jovens oriundos das periferias da cidade em fase de formação e descoberta vocacional. Somados à dedicação e disposição do setor educativo do Museu e dos profissionais da cultura e da educação das instituições e escolas, recursos das grandes instituições de arte e cultura de São Paulo serão fundamentais para que possamos possibilitar a existência de ambientes virtuais férteis à criatividade, imaginação, desenvolvimento de talentos e valores caros para uma sociedade melhor e mais apegada à educação, informação, história e cultura.

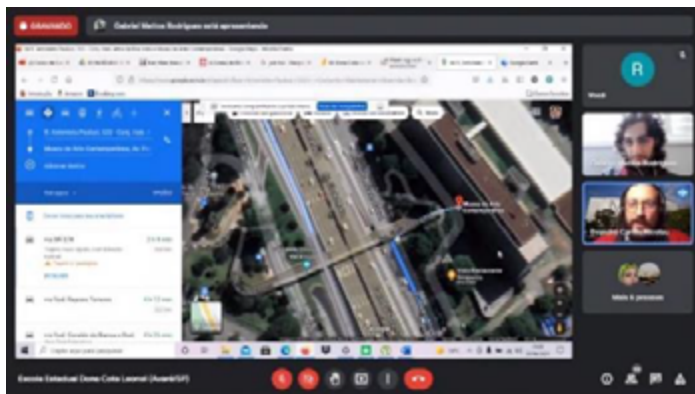
Juliana Bispo dos Santos

Entendendo que o espaço de visita virtual não seria uma reprodução da experiência no espaço físico e lidando com a falta de acervo digitalizado e em boa qualidade do museu, construímos uma vivência voltada para aspectos conceituais dos trabalhos discutidos, colocando em evidência discussões sociais, de classe, gênero e raça e discussões do próprio meio da arte. Contando também com a participação dos “visitantes”, que sabemos ser dificultada pela barreira digital, utilizamos a ferramenta do *Google Jamboard* para que os visitantes se sentissem à vontade para fazer intervenções e registrar reflexões a partir daquilo que trabalhávamos na visita, resultando em composições bonitas e interessantes que mostravam o processo dos participantes das visitas, sendo uma importante ferramenta de registro e de apreensão das experiências. Por conta disso e da forma convidativa e dialógica com que as visitas foram feitas, mesmo com câmeras fechadas e muitas vezes com o silêncio da timidez típica de alunos do ensino básico diante de uma chamada de vídeo, as visitas estavam longe de serem um espaço fechado, que fortalecia os muros da universidade e do museu ou os muros não palpáveis da distância física e social. Elas foram e são um espaço de abertura, de integração e expansão de horizontes de cada um de nós.

O MAC e a USP como um todo ainda têm muito a avançar e investir nessas experiências, não como substitutas do espaço físico, mas como meio possível e válido de construir conhecimentos e vivências com a arte, cumprindo seu dever com a sociedade que constrói esse espaço público e com a própria fundação da universidade em seu tripé de ensino, pesquisa e extensão.

Nicolle Clara Firmino

Bolsista mais jovem do grupo, entrou no curso de Artes Visuais na USP em 2020 e logo encarou a Pandemia. Nicolle não pôde responder as perguntas, mas participou ativamente de todo o processo de estudo e aplicação da visita, tendo sua contribuição considerada neste trabalho.



Referências

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica - sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM Editores S. A., 2018.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: Uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HUK, Y. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno**. São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu Editora/Ateliê de Humanidades Editorial, 2020.

MAC USP: Acervo. [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://acervo.mac.usp.br/acervo/>. Acesso em: 4 ago. 2021.

MAC Essencial: Portal de Livros Abertos da USP. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/series/macessencial>. Acesso em: 4 ago. 2021.

MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

NICOLAU, E. **Teatro cognitivo**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL ESPAÇOS DA MEDIAÇÃO, 1. São Paulo: MAC/USP; 2011.

_____. **O Desenho como estratégia sociopolítica**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL ESPAÇOS DA MEDIAÇÃO, 3., 2016, São Paulo. Espaços da mediação: a arte e suas histórias na educação. São Paulo: MAC USP, 2016. p. 219-240.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2009.

SARTRE, Jean Paul. **A imaginação**. 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.